

Oposição negocia pela Constituinte

Jorge Bastos Moreno



Marcondes Gadelha

tes têm tomado a iniciativa do diálogo, para demonstrar a disposição tanto da oposição como das Forças Armadas em discutir os problemas do país. Claro que em algumas oportunidades foi o próprio presidente do PMDB quem criou climas favoráveis. Fontes militares que estão em contato com o PMDB chamam a atenção para um fato que o ministro do Exército, general Walter Pires, segundo eles, ainda recorda: quando de sua visita a uma das comissões técnicas da Câmara, Ulysses Guimarães, que às vezes se esquece até de seus compromissos partidários, foi um dos primeiros a receber o ministro e destacou, na oportunidade, que era a primeira vez que um ministro militar comparecia às comissões para prestar esclarecimentos aos deputados sobre as realizações de sua pasta.

Apesar de não ser um ministério militar, não se pode negar importância ao fato de o coronel Haroldo Correia de Mattos (das Comunicações), ao visitar o Congresso Nacional e se colocar à disposição do Parlamento, ter visitado primeiramente o gabinete de Ulysses Guimarães.

Um encontro casual, nos corredores da Câmara, com o vice-presidente da República, Aureliano Chaves, inspirou o deputado Fernando Lyra a desenvolver a sua tese, lançada no domingo passado neste jornal, a partir do que ganhou repercussão nacional a tal ponto de surpreender seu próprio autor.

Lyra e Aureliano, com o testemunho de Marcondes Gadelha (PMDB-PB), mostraram-se preocupados com o atual quadro político e econômico do país. Essa mesma preocupação, o vice-presidente ouviria de Ulysses Guimarães, numa reunião social, na residência de um colunista político.

Depois desse encontro, Fernando Lyra e Marcondes Gadelha, passando «casualmente» pelos corredores do prédio do Banco do Brasil, foram discretamente convidados por um assessor do vice-presidente a subir até o 19.º andar para conversar com o ex-deputado e ex-governador de Minas.

Foram direto ao assunto: Constituinte, a mesma proposta que Ulysses vem formulando aos militares. A resposta de Aureliano foi quase idêntica ao que o presidente do PMDB tem ouvido. Revelou o vice-presidente da República que, nas áreas que transita, havia uma enorme resistência à tese. No que discordaram Gadelha e Fernando Lyra. Para eles, a Constituinte é um ato de conagração da sociedade brasileira para estabelecer uma nova convivência social. E mais, reconheceram que a Constituinte



Aureliano Chaves

só deveria ser convocada se todos estivessem com espíritos desarmados.

Fez-se então uma proposta: o governo reconheceria o direito da oposição chegar ao poder pela via pacífica do voto, assegurando a realização das eleições dos governadores em 1982. Antes que Aureliano respondesse ser esse o propósito do presidente Figueiredo, os dois

oposicionistas justificaram a ênfase da proposta, pois na classe política pairavam — como ainda pairam — dúvidas sobre essas eleições, por estar em jogo toda uma disputa de poder, de vereadores, prefeitos, de deputados e senadores aos governos estaduais e o governo, teria receio de ser plebiscitado como em 1974, quando a situação econômica não estava tão alarmante e a oposição conseguiu derrotá-lo em 16 Estados.

Mas, a verdadeira preocupação expressada por eles ao vice-presidente era a de que, mesmo realizando essas eleições, a oposição receava não só de sua «limpeza» como também de uma possibilidade de o governo lançar mão de uma série de «pacotes» — como voto distrital, vinculação de votos em todos os níveis, extensão da sublegenda e a proibição de coligações partidárias.

Da mesma forma, foram objetivos na oferta: em troca, a oposição poderia apoiar algumas medidas de estabilização financeira para o combate à inflação, algumas propostas de distribuição de renda e o combate ao terrorismo. Em resumo, dar um suporte de legitimidade ao governo para sair da crise.

A partir dessa conversa e da clara disposição de Aureliano Chaves em levar essas propostas ao governo, Fernando Lyra e Marcondes Gadelha deixaram Brasília em busca de respaldo político junto aos setores representativos da oposição. Escolheram primeiramente São Paulo, devido a sua inegável importância política. Lá, Severo Gomes, Almino Afonso, Mário Covas, Fernando Henrique Cardoso e José Serra, entre outros, encamparam a proposta, fato que se repetiu na Bahia de Waldir Pires e no Rio de Janeiro de Roberto Saturnino.

Lançada oficialmente a tese, 24 horas depois, o comandante do IV Exército, general Florimar Campello, elogiava a oposição: A forma com que os entendimentos vêm se desenvolvendo, amorteceram qualquer reação negativa por parte dos representantes do PDS que, antes na Arena, advertiam a oposição, usando das mesmas palavras do então presidente Geisel, ao se referir



Délio Jardim

às «cassandras e vivandeiros que rondam quartéis, semeando a discórdia». Nelson Marchezan e Prisco Vianna foram os primeiros pedessistas a aplaudir a iniciativa, para eles, «louvável» da oposição. Depois, veio o chefe do EMFA e, também, o próprio Délio que, a exemplo de Ulysses, não escondeu seus contatos, evitando, no entanto, citar nomes. O apelo de Ulysses para que se evitasse um superdimensionamento desses contatos foi inspirado na advertência do deputado Roberto Freire (PMDB-PE), para quem «a conversa franca e aberta, mesmo que discordante, retira qualquer interpretação de golpismo que ainda coçam alguns setores da esquerda, sempre que se fala em contatos com militares».

— Eles já disseram que se o presidente quiser convocar a Constituinte, os militares não fazem nenhuma objeção. Antes, como a anistia, era também uma palavra maldita. Acho que todos a querem, só que alguns acham o nome pesado. Mas, tudo isso já é um grande passo — «afirmava ontem, eufórico, o deputado Fernando Lyra, do Rio de Janeiro, onde se encontra, segundo ele, «descansando».

— Temos nossa tese. Eles têm as deles. Quem sabe não chegamos a um denominador comum. O importante é conversar e é o que estamos e vamos continuar fazendo» — observava o presidente do PMDB, surpreso com a reação positiva da classe política e concluía: «O clima de Brasília e de São Paulo estão péssimos, menos para entendimentos».

O presidente nacional do PMDB, deputado Ulysses Guimarães nega, com veemência e irritação, que tenha se encontrado com um grupo de militares, na noite da última quarta-feira, para discutir, como vem fazendo com expressivos representantes das Forças Armadas, a situação política e econômica do país. Apesar desse desmentido, a verdade é que Ulysses reuniu-se longamente com diversos militares, na residência de um deles, numa conversa que teria se prolongado até a madrugada de quinta-feira.

Nessa mesma quarta-feira, ele almoçou com um grupo de jornalistas que, com base em suas declarações formais de que vinha mantendo e continua a manter contatos com representantes dessa instituição, insistiu com o presidente do PMDB para que revelasse os nomes desses militares e as circunstâncias em que essas reuniões vinham se realizando.

— Entendo a preocupação de vocês, pois eu mesmo digo e repito: os militares sempre foram arredios com a oposição, até em função da desinformação que eles tinham sobre nós. Pensavam que éramos um bando de incendiários, que queríamos o mal do país. Com o passar dos tempos, eles passaram a verificar que o nosso direito e dever — pois somos oposição — de criticar, tudo era feito em benefício do país e, como eles, também nos preocupamos com a situação do país».

Quanto aos nomes, Ulysses limitou-se a dizer que conversava com representa-



Ulysses

tes das Forças Armadas, assim como conversava, por exemplo, com Jacob Bitar, representante dos trabalhadores, para citar apenas um nome.

— As circunstâncias? Muitas vezes, ou em sua maioria, os encontros foram ocasionais e, a partir daí, foi se quebrando o gelo. Nas reuniões sociais, a bordo de um avião ou mesmo até em restaurantes, a gente se encontra».

O que peço a vocês — adverte Ulysses — é que não superdimensionem esses contatos, pois assim como o programa de nosso partido é contrário a qualquer tipo de discriminação, para nós os encontros com os representantes das Forças Armadas têm e devem ter o mesmo peso com os que realizamos com o empresariado nacional, com as lideranças sindicais, a Igreja, os estudantes, enfim, com todos os setores da sociedade brasileira».

Embora evite a nomeação, Ulysses faz referência a uma antiga amizade, cultivada através de amigos comuns — o ministro Délio Jardim de Mattos, a quem considera «um grande democrata». Coincidentemente, essa mesma designação é usada pelo presidente do PP, senador Tancredo Neves, sempre que alguém lhe pergunta sobre o ministro da Aeronáutica.

Remanescentes do PSD e fundadores do extinto MDB, Ulysses e Tancredo, nos períodos que Fernando Lyra (PMDB-PE), autor da proposta de entendimento nacional, classifica como «os mais negros da revolução de 64», chegaram a interceder em favor de muitas pessoas, perseguidas por motivos políticos. Apesar de reconhecer que em muitas dessas missões houve fracasso, Tancredo Neves não deixa de reconhecer o empenho de alguns militares na tentativa de atender a apelos de familiares de presos políticos, que lhes chegavam via ala «moderada» do MDB.

Recentemente o próprio Délio Jardim de Mattos foi procurado pelo ex-deputado José Aparecido e por Tancredo Neves para intervir no caso dos vereadores mineiros, apontados como autores de atentados à bomba, no interior do Estado. Sabe-se, também, que em São Paulo, na área de competência da Aeronáutica, pequenos problemas foram resolvidos.

Ulysses Guimarães afirma que nesses encontros com militares as duas par-